



Ciência e pesquisa: um panorama da produção científica dos docentes do PPGCOM da Universidade Federal do Piauí

Adriana Maria Magalhães ¹
Américo Abreu ²

Resumo: A ciência sistematiza conhecimentos por meio da pesquisa e, utiliza rígida metodologia para garantir a idoneidade dos resultados e o respeito à propriedade intelectual. No Brasil, a pesquisa está atrelada às Instituições de Ensino Superior, sobremaneira às públicas, sustentadas no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Nesse âmbito, a pesquisa é referendada nos resultados publicados pelos docentes nos veículos que reúnem a produção da área e nos *papers* apresentados em eventos científicos. O artigo investiga a produção científica dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Piauí, de 2008 a 2012. Foram catalogadas 16 publicações de livros; 51 capítulos de livros; 47 artigos de periódicos com Qualis e; a apresentação de 135 trabalhos. Para chegar aos resultados e conclusões partiu-se da revisão de literatura e análise de dados estatísticos obtidos na plataforma do Currículo *Lattes*.

Palavras-chave: ciência; pesquisa; ppgcom; docente; ufpi.

1. Introdução

Etimologicamente, a palavra ciência tem sua gênese no latim (*scientia*) apresentando como significação mais expressiva o léxico conhecimento. É válido ressaltar que

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Jornalista e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), Universidade Federal do Piauí e, Especialista em Gestão em Comunicação, Universidade Federal do Piauí.

² Docente titular do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Piauí, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), Universidade Federal do Piauí e Especialista em Gestão em Comunicação, Universidade Federal do Piauí.

seu emprego exclui a possibilidade da aplicação do conhecimento vulgar, fruto do senso comum, para utilizar informações e dados sistematizados, reunidos em torno de um paradigma.

Além de descrever fenômenos, a ciência trabalha no estabelecimento de teorias e leis, com o objetivo de prever e explicá-los. Utilizando-se do conhecimento empírico, baseado na experimentação e testagem de hipóteses, pelo emprego de rotinas rígidas. O conhecimento assim cunhado recebe o rótulo de paradigma, um modelo ou padrão aceito, compartilhado pela comunidade científica e utilizado como base nas pesquisas (RUIZ, 2011).

A ciência apresenta-se como emaranhado de incertezas e tentativas, que a humanidade busca compreender. Clotet (2007, p.10) apresenta como função capital da ciência “[...] estar a serviço da humanidade [...]”. Segundo o autor o conhecimento científico deve ser um bem público, de livre acesso, que se faz pela publicação e divulgação dos resultados das pesquisas, conforme explicita (TARGINO 2011, p. 364), “[...] a partir da concepção de ciência como instituição social, entende-se que pesquisa e divulgação de resultados são atividades inseparáveis”.

Partindo dessa ideia inicial, que apresenta a produção científica como resultado da interação entre ciência e pesquisa, busca-se traçar um panorama da produção científica dos docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com o objetivo de verificar a natureza de sua produção científica. Optou-se por privilegiar as publicações realizadas no período compreendido entre os anos de 2008 e 2012, perfazendo assim um total de cinco anos.

A escolha do PPGCOM/UFPI deu-se em virtude de sua recente implantação. O Programa foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPEX), da Universidade Federal do Piauí, conforme a Resolução nº 113/10 de 28.06.2010 e, recomendado na 124ª reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTCES), da CAPES com conceito 3. O ingresso do primeiro grupo de 10 discentes ocorreu em agosto de 2011.

1.1 Ciência e pesquisa

A produção científica é a via por onde resultados e conclusões, originados nas pesquisas realizadas no âmbito de determinada área chegam ao domínio público. A publicação garante o acesso dos demais membros, que compõem a comunidade científica, à pesquisa e seus resultados, para que esses possam referendar ou refutar o conhecimento empírico ali expresso. Tal processo é necessário porque a ciência objetiva cunhar paradigmas, com verificação e emprego exitoso.

Cabe lembrar que o conhecimento científico nunca está completamente pronto, que não representa verdade absoluta e incontestável. Tratando-se de ciência, a verdade é sempre relativa, o avanço científico pode, a qualquer tempo, revelar incompletude ou incoerência paradigmática, obrigando revisão e atualização, ou mesmo suplantação do conhecimento até então empregado. Como define Popper (2007, p. 305):

A ciência não é um sistema de enunciados certos ou bem estabelecidos, nem é um sistema que avance continuamente em direção a um estado de finalidade. Nossa ciência não é um conhecimento (*episteme*): ela jamais pode proclamar haver atingido a verdade ou um substituto da verdade [...]

Assim, a ciência está por meio da pesquisa empírica, sistematicamente, testando e revendo seus paradigmas, embora a refutação dos mesmos configure-se trabalho difícil e nem sempre bem visto pela comunidade científica, conforme mostra Kuhn (2011). A refutação de paradigmas ocorre em todas as áreas e períodos da história, como revelam os três exemplos que seguem: 1. Nicolau Copérnico (1473 – 1543) desenvolveu a teoria Heliocêntrica do Sistema Solar refutando a teoria Geocêntrica, até então vigente; 2. Galileu Galilei (1564 – 1642) cunhou o método empírico contrapondo o método aristotélico, utilizado até a época; 3. A restrição ao consumo do ovo, a partir da década de 60, quando pesquisas apontaram que a gema promovia o aumento do colesterol no sangue. No final da década de 90, novas pesquisas apontaram incoerências neste paradigma. A partir de então, um longo estudo foi feito por cientistas em todo mundo. Atualmente, depois de anos no limbo dos alimentos, o ovo foi redimido. Nos estudos realiza-

dos pelas Universidades de Surrey, Reino Unido e, Connecticut, Estados Unidos, os pesquisadores empregaram técnicas e procedimentos mais refinados graças aos avanços tecnológicos, paralelo à observância de novos paradigmas nutricionais e chegaram à conclusão que o alimento não representa riscos à saúde.

Percebe-se, neste contexto, que ciência e tecnologia caminham juntas. Essa parceria fomenta a evolução do conhecimento humano e leva pesquisadores a rever conceitos e teorias, diagnósticos e prognósticos, porque a ciência não pode prescindir da tarefa de pôr a prova seus paradigmas.

A construção do conhecimento empírico segue caminho lógico, parte da observação e inquietação do pesquisador, passa pela exaustiva experimentação que gera conclusões, e culmina com a publicação dos resultados. Esta última etapa ganha espaço com o advento do jornalismo científico, que informa o público leitor/espectador acerca da atuação da comunidade científica nas mais diversas áreas e, da internet, que abriu novos *locus* para a apresentação de resultados e troca de informações.

Até aqui se falou que a ciência é resultado do conjunto de saberes produzido por meio da pesquisa. Mas, afinal, qual a definição de pesquisa? Rudio (2011, p. 9) define o termo como “[...] conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento”. O autor, também, apresenta a pesquisa como “[...] o modo próprio que a ciência tem para obter conhecimento da realidade empírica” (p. 16).

A pesquisa e, conseqüentemente a ciência, necessitam da figura do pesquisador para se cunharem. No entanto, Bourdieu (2004) já antecipa que a vida do pesquisador é extremamente dura, por todos os percalços a que estão sujeitos, seja no âmbito pessoal ou profissional. Para Silva (2007), o cientista esmera-se na transformação do conhecimento em sabedoria, e na conseqüente produção de mudanças no bojo da sociedade. Laville e Dionne (1999, p. 73) assim definem o pesquisador:

O pesquisador é alguém que, percebendo um problema em seu meio, pensa que a situação poderia ser mais bem compreendida ou resolvida, caso fossem encontradas explicações ou soluções para a mesma. Pensando dessa forma, já dispõe, em geral, de uma pequena ideia a respeito das explicações ou soluções plausíveis: algumas hipóteses.

O cientista parte em sua análise dos modelos apreendidos através da educação e da literatura (KUHN, 2011), ou seja, do conhecimento desenvolvido por estudiosos que o antecederam, com o objetivo de reforçar ou refutar tais paradigmas. Neste ínterim o questionamento proposto pelo pesquisador assenta-se na observação e experiência. Importa notar que a pesquisa nasce da observação, mas exige do pesquisador mais que olhos treinados. Implicam o emprego de persistência, dedicação, esforço e submissão ao procedimento e a técnica (RUDIO, 2011). Além destas características elencadas é necessário observar quatro fatores: aptidão; personalidade; interesse e motivação e, o histórico vital.

Ao internalizar um paradigma, o cientista carrega consigo uma gama de informações, que se alteram de forma drástica após sua mudança. Desejadas ou não, esta troca de paradigma pode mudar a ciência e, conseqüentemente, a forma como os cientistas veem o mundo, embora estejam ainda no mesmo mundo (KUHN, 2011).

O primeiro fator perpassa o emprego da criatividade aliado ao nível intelectual e a fatores extracurriculares que, eventualmente, interferem na atuação do pesquisador. O segundo reúne uma série de características – curiosidade, sentimento de independência, necessidade de isolamento e comunicação, flexibilidade, ausência de repressão, senso de humor, perseverança, ordenação mental e humildade. O fator seguinte diz respeito ao desenvolvimento precoce do interesse científico, amplitude de interesses, satisfação com a vida profissional, dedicação ao trabalho, autoconfiança intelectual e ambiente de trabalho favorável. O quarto e, último, fator enseja a importância do *background* cultural-familiar, a posição entre irmão e o clima de incerteza e ambigüidade afetiva no ambiente familiar.

1.2 A Produção Científica Comunicacional

A produção científica é impulsionada por interesses difusos e, por vezes, divergentes. Com o objetivo de fomentar a produção e, conseqüentemente a divulgação, cientistas e outros atores sociais situados fora do campo científico, engendraram instituições

voltadas, exclusivamente, para a produção e propagação do conhecimento científico. O inconveniente desta proposta foi levantado por Bourdieu (2004, p. 25):

[...] no domínio da pesquisa científica, os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços [...]

É desta exigência que trata o manifesto *Slow science* produzido em 2012 pelos membros da *Slow Science Academy Berlin, Germany*, que defende a adoção de nova postura, no que tange a publicação de trabalhos científicos. O documento denuncia o encurtamento do lapso temporal que o separa o início e a conclusão da pesquisa científica, neste início de século.

É bem verdade que o emprego da tecnologia diminui o tempo de realização das pesquisas e, que, grande parte dos cientistas trabalha com refinamentos de pesquisas já existentes. Isso contribui para diminuir o período de realização dos experimentos, mas não deve ser utilizado como desculpa para justificar os erros que se tem presenciado.

No entanto, o documento gera outras preocupações, principalmente, na imprensa especializada, que teme que esse novo comportamento dos cientistas esvazie pouco a pouco os periódicos que realizam a cobertura do meio científico. O que de um lado representa um retrocesso, mas por outro contribui para aumentar a qualidade das pesquisas.

A opinião pública e o próprio campo científico mostram-se ávidos por novas revelações. O principal problema é que a pressa nas divulgações tem levado a público resultados pífios ou completamente equivocados. Foi diante desta problemática, que os cientistas alemães saíram em defesa da qualidade dos resultados, alardeando que o tempo de construção do conhecimento científico é particular a cada pesquisa. Em meio à sociedade, a preocupação é que a comunidade científica volte a utilizar lapsos de tempo cada vez maior para a conclusão de suas pesquisas, conforme se experimentou no passado. Discordâncias à parte, o ideal é que os cientistas cheguem ao meio termo: nem apresse o estudo a ponto de cometer erros, nem tampouco se enclausure em laboratórios, por uma vida inteira, antes de levar a público suas descobertas.

Os problemas decorrentes da discussão sobre ciência e produção científica, são comuns a todas as áreas. A comunicação também não escapa a estes dilemas, além, de conviver com outros tantos, tais como: o não consenso sobre a construção (ou constituição) do campo; a delimitação dos objetos de estudo; a utilização de teorias propostas, em sua grande maioria, por outras disciplinas; o questionamento sobre a existência de muitas ou poucas Teorias da Comunicação e até mesmo, questões referentes à grade curricular dos cursos que formam os profissionais da área. Não que a tarefa de apresentar respostas para cada um desses conflitos figure como prioridade para os pesquisadores da área, mas, vem sendo tratada paralelamente aos estudos desenvolvidos no interior do campo.

Acrescenta-se, ainda, a ideia de que a Comunicação experimentou gênese diferenciada, uma vez que a institucionalização do campo foi realizada antes da definição de suas teorias bases e mesmo da delimitação do seu campo de estudo e atuação. Dentro desse contexto, a Comunicação, enquanto novo campo de conhecimento sofre a ação de agentes originários de outros campos. Vale lembrar que tais agentes encontram-se situados num ponto fora deste, ocupando lugar impróprio para realizar tais incursões, conforme defende Bourdieu (2004). Aliás, o campo padece de outro problema: o pouco reconhecimento institucional, fruto da ausência de mecanismos científicos de promoção acadêmica, conforme Scolari (2008, p. 46 tradução nossa) afirma:

Em muitos países ibero-americanos, somente nos últimos anos começou-se a implementar dispositivos de promoção acadêmica estritas para os investigadores da comunicação [...] A pouca presença de estudiosos da comunicação nos níveis mais altos das estruturas que gerem a investigação pode dever-se, em grande parte, a esta letargia dos comunicadores a respeito dos dispositivos institucionais de promoção científica que incluem, para começar, a obtenção do ansiado título de doutor.

Um primeiro fato de peso, apontado para que a Comunicação se configure num emaranhado de indefinições é que, somente em meados do século XX – após a Primeira Guerra Mundial – foram iniciados os estudos referentes aos fenômenos ligados aos usos e efeitos dos meios de comunicação de massa. Esse início tardio faz da comunicação um campo jovem e, ainda, em formação. Outro ponto, também considerado para explicar as

marcadas indefinições no campo comunicacional, são as tensões internas existentes no próprio campo (SCOLARI, 2008).

Em virtude deste contexto de dúvidas e tensões, Scolari (2008) afirma que não se pode falar de uma ciência da Comunicação autônoma. Santaella (2010), por outro lado, acredita que o início dos estudos, em meados do século XX, marca a institucionalização da Comunicação como área de conhecimento, delegando a esta certa autonomia.

2. Material e Método

O presente artigo sintetiza os preceitos de uma pesquisa quali-quantitativa, visto que pretende numerar e medir unidades, além, de estabelecer relações, relacionar valores, crenças e ideias. O objetivo da pesquisa é esclarecer as questões aqui apresentadas, revelando os problemas implícitos, fornecendo condições para que o objeto pesquisado e a própria sociedade reavaliem suas estratégias. Também se configura como pesquisa fundamental, vez que se propõe a aumentar o saber disponível. Por fim, trata-se, também, de uma pesquisa analítica, que analisa os dados e extrai deles conclusões, conforme explica (SANTAELLA, 2010).

A pesquisa realizada no âmbito do município de Teresina (PI), no campus Ministro Petrônio Portela, sede administrativa da UFPI, onde funciona o PPGCOM/UFPI e o curso de Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. O curso de Comunicação Social da UFPI foi fundado em 1984, mas somente no ano de 2011 teve seu PPGCOM implantado. O programa conta com 11 docentes – 10 doutores e um pós-doutor – sendo que sete deste total também pertencem ao quadro do curso de graduação. O PPGCOM conta (em 2012) com 20 alunos – egressos da primeira e segunda turma de discentes – distribuídos em duas linhas de pesquisa: Mídia e Produção de Subjetividades e Processos e Práticas do Jornalismo.

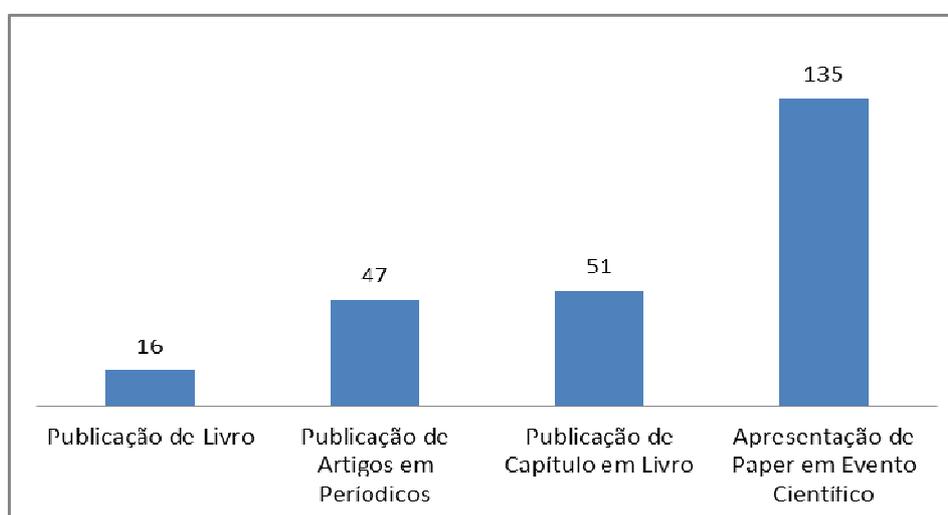
Para chegar aos resultados e às conclusões que seguem partimos da revisão de literatura, privilegiando as seguintes temáticas: ciência, pesquisa e produção científica comunicacional e, a análise de dados estatísticos obtidos no Currículo *Lattes* dos docentes e, disponíveis na plataforma de mesmo nome. No *Lattes* foram catalogados os dados

referentes à produção bibliográfica dos docentes, que engloba a participação destes de forma individual ou coletiva, na publicação de livros – total ou parte; a publicação em periódicos com Qualis e a apresentação de resultados de pesquisas em eventos científicos.

3. Resultados e Discussão

A análise do Currículo Lattes revelou os dados que compõem o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Divulgação Científica



O (Quadro 1) traz informações mais detalhadas sobre a publicação de cada professor. Aqui identificaremos os docentes do PPGCOM/UFPI pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e L.

Quadro 1 – Modalidades de Divulgação Científica por Docente

Docentes	Artigos	Livros	Capítulos	Apresentação em Eventos
Professor A	4	3	10	25
Professor B	-	-	2	6
Professor C	23	7	18	13
Professor D	6	2	5	10
Professor E	5	2	5	37
Professor F	3	-	4	9

Professor G	1	1	-	5
Professor H	4	-	3	11
Professor I	-	-	-	1
Professor J	-	-	2	6
Professor L	1	1	2	12
Total por modalidade	47	16	51	135

A partir da tabulação de dados verifica-se que os docentes privilegiam a participação em eventos científicos como modo de divulgar os resultados alcançados em suas pesquisas. Contudo, este item, apresenta duas exceções, a primeira exceção é o docente I que apresentou apenas um *paper* em evento científico, quando os demais apresentaram no mínimo cinco *papers* durante o período analisado. A segunda exceção é o docente C, que contabiliza maior número de publicações de artigos científicos e capítulos em livro, que apresentação de *papers* em eventos científicos.

A publicação de livro – individual, coautoria ou organização – surge como a segunda modalidade menos utilizada pelos docentes ligados ao PPGCOM/UFPI. Excetuando-se o caso do docente C, já relatado. Já a publicação de capítulo de livro aparece como a segunda opção utilizada pelos docentes para publicação dos resultados de suas pesquisas. Observando-se o (Quadro 1) percebe-se que somente os docentes G e I não utilizaram essa modalidade. Para explicar tal fato faz-se necessário o entendimento funcionamento do sistema Qualis, utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para qualificar a produção intelectual dos Programas de Pós-Graduação do Brasil.

O Qualis é estratificado da seguinte forma: A1; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C. Sendo atribuída nota máxima ao estrato A1 e nota mínima – zero – ao estrato que recebe nota C. As normas de qualificação são transitórias e revisadas periodicamente. Conforme se verifica no (Quadro 2) e (Quadro 3) a seguir, válidos para o período compreendido entre os anos de 2009 e 2012:

QUADRO 2 – PONTUAÇÃO QUALIS – ARTIGOS

2009 – 2012	Nível	Pontos
Artigo em Periódico Nacional ou Internacional	A1	100
	A2	80
	B1	60
	B2	50
	B3	30
	B4	20
	B5	10

Fonte: <http://www.iag.puc-rio.br/programasepesquisas/coordenacao/qualis/index.cfm>

QUADRO 3 – QUALIS – LIVROS

2009 – 2012	Nível	Pontos
Livro Publicado	L4	100
	L3	75
	L2	50
	L1	25
Capítulo ou Organização de Coletânea	L4	33
	L3	25
	L2	17
	L1	8

Fonte: <http://www.iag.puc-rio.br/programasepesquisas/coordenacao/qualis/index.cfm>

Conforme se observa com a publicação de livros ou capítulos de livros o docente pode alcançar até 100 pontos, pontuação também atribuída à publicação de artigos em periódico detentor de Qualis A1. A publicação de livros e/ou capítulos de livros representa assim uma alternativa para os mesmos, vez que os periódicos detentores de Qualis A e B não comportam a produção científica de toda a comunidade acadêmica. Soma-se a esse fato, a obrigatoriedade do pesquisador deter o título de doutor para submeter seus trabalhos a tais periódicos.

Segundo Scolari (2008), assim como em outras áreas, a apresentação de trabalhos em eventos científicos é a forma mais indicada para se fazer avançar uma área específica. Assim, a preferência dos docentes do PPGCOM/UFPI por esta modalidade de divulgação representa ponto positivo, vez que contribui para o avanço dos estudos na área e para a consolidação do campo da Comunicação.

O (Quadro1) também, expressa a disparidade entre as publicações dos docentes. Por exemplo, no item Artigos Publicados verifica-se que do total de 47 artigos, 23 foram publicados pelo docente C, enquanto os docentes B, I e J não publicaram artigos

durante o período analisado. No item Livros Publicados percebe-se que os docentes B, I, J e F não pontuam no período. Não se pode, contudo, afirmar que tais dados expressem inércia do pesquisador.

4. Conclusões

Observa-se nesta pesquisa que o PPGCOM/UFPI apresenta, em nível local, grande parte dos problemas que perpassam a ciência no tocante à produção e divulgação de pesquisa. Conforme ressalta Kuhn (2011), interesse e motivação estão entre os fatores que impulsionam a produção científica, mas um contexto apropriado e estruturado contribui, também, para o bom desempenho dos pesquisadores.

Percebe-se, ainda, que o período analisado conforme defendem os pesquisadores signatários do movimento *Slow Science* parece ser exíguo para produção e divulgação do resultado de pesquisa. Os números aqui levantados revelam que, neste quinquênio, os pesquisadores analisados publicaram em média: 4,7 artigos em periódicos; 1,5 livros e; 5,1 capítulos em livros. É importante destacar, no entanto, que essa média é alavancada pela produção individual dos docentes. Os três pesquisadores mais profícuos do PPGCOM/UFPI são responsáveis pela publicação de aproximadamente 70% dos artigos; 80% dos livros e 65% dos capítulos de livros. Importa, ainda, frisar que embora a apresentação de trabalho em evento científico embora se apresente de forma positiva para o desenvolvimento do campo da Comunicação, conforme afirma Scolari (2008), não é contabilizada pela Capes para fins de promoção docente.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 361 p.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

CLOTET, Joaquim. Ciência mutilada? In: SILVA, J. M. da (Org.). **As duas globalizações: complexidade e comunicação uma pedagogia do presente**. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, Edipcrs, 2007. p. 9-11.

GOLDSTEIN, Norma; LOUZADA, Maria Silva; IVAMOTO, Regina. **O texto sem mistério:** leitura e escrita na universidade. São Paulo: Ática, 2009. 200 p.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 260 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia para pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 2008. 340 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica.** São Paulo: Cultrix, 2007. 567 p.

MEDITSCH, Eduardo. Teoria pertinente, com abrangência e rigor. In: PONTE, Cristina. **Para entender as notícias:** linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 38. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 144 p.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa** – projetos para mestrado e doutorado. 2. ed. São José do Rio Preto, Bluecom, 2010.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones.** Barcelona: Gedisa, 2008.

SILVA, Joaquim. Em busca da complexidade esquecida II. In: SILVA, J. M. da (Org.). **As duas globalizações:** complexidade e comunicação uma pedagogia do presente. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas, Edipucrs, 2007. p. 9-11.

TARGINO, Maria das Graças. Libertação pela redação técnico-científica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2011. cap. 23, p. 364-380.